

# AS FILHAS DO FALECIDO CORONEL

1.

A semana seguinte foi uma das mais atarefadas de suas vidas. Mesmo quando iam para a cama, só seus corpos se deitavam e descansavam; as cabeças não paravam, ponderando coisas, esmiuçando coisas, divagando, resolvendo, tentando se lembrar de onde era que...

Constantia parecia uma estátua deitada, com os braços estendidos ao longo do corpo, os pés cruzados, o lençol puxado até o queixo. Fitava o teto.

“Você acha que papai se importaria se déssemos a cartola dele para o zelador?”

“O zelador?”, disparou Josephine. “Mas por que o zelador? Que idéia mais esquisita!”

“Porque”, disse Constantia lentamente, ele deve precisar ir a muitos enterros. E eu reparei que no... no cemitério, só ele estava de chapéu-coco”. Fez uma pausa. “Então me ocorreu que ele adoraria uma cartola. Acho que também devemos lhe dar um presente. Ele sempre foi muito bom para o papai.”

“Mas”, exclamou Josephine, apoiando-se com ímpeto no travesseiro e olhando no escuro para Constantia, “a cabeça do papai!”. De repente, durante um momento constrangedor, ela quase deixou escapar uma risada nervosa. Não, é claro, que estivesse minimamente disposta a rir. Devia ser a força do hábito. Anos atrás, quando passavam as noites conversando, as camas tremiam com as risadas. E agora a cabeça do zelador, que sumia, ressurgiu de repente, como uma vela, com a cartola do pai... A vontade de rir aumentava cada vez mais; ela apertou as mãos; procurou controlar-se; franziu o cenho no escuro e disse a si mesma “Não se esqueça”, com uma austeridade terrível.

“Podemos resolver isso amanhã”, disse.

Constantia não havia percebido nada; suspirou.

“Você acha que devemos tingir também nossos penhoares?”

“De preto?”, quase berrou Josephine.

“Bem, de que outra cor?”, disse Constantia. “Estava pensando – não me parece muito sincero, de certa forma, usarmos preto fora de casa quando estamos totalmente vestidas, mas quando estamos em casa...”

“Mas ninguém vê”, disse Josephine. Ela puxou as cobertas com um gesto tão impaciente que os pés ficaram expostos e ela teve se subir mais no travesseiro para cobri-los direito outra vez.

“A Kate”, disse Constantia. “E o carteiro também poderiam nos ver.”

Josephine pensou no seu chinelo carmesim, que combinava com o dela. Preto! Dois penhoares pretos e dois pares de chinelos de lã pretos, arrastando-se em direção ao banheiro como gatos pretos.

“Não acho que é absolutamente necessário”, disse ela.

Silêncio. Então Constantia disse: “Amanhã temos de mandar pelo correio os jornais com o anúncio para chegar a tempo no Ceilão. Quantas cartas recebemos até agora?”

“Vinte e três.”

Josephine respondeu a todas elas e, vinte e três vezes, ao chegar no trecho “Sentimos tanta falta de nosso querido pai”, ela fraquejou e precisou usar o lenço, e algumas vezes recorreu a um mata-borrão para enxugar uma lágrima azul muito clara. Que estranho! Ela não podia estar fingindo – mas vinte e três vezes... E mesmo agora, quando dizia temente consigo “Sentimos tanta falta de nosso querido pai”, era capaz de chorar, se quisesse.

“Você tem selos em quantidade suficiente?”, indagou Constantia.

“Ora, como eu vou saber?”, retrucou Josephine irritada. “Por que você está me perguntando isso agora?”

“Só estava pensando”, disse Constantia suavemente.

Mais um silêncio. Então um barulhinho, uma agitação, um pulo.

“Um camundongo”, disse Constantia.

“Não pode ser, aqui não há nenhuma migalha.”

“Mas ele não sabe disso”, disse Constantia.

Sentiu uma pena apertar seu coração. Pobre bichinho! Desejou ter deixado um farelinho de biscoito na penteadeira. Era terrível pensar que o bichinho não encontraria nada para comer. Como iria fazer?

“Não imagino como eles conseguem viver”, disse ela, pausadamente.

“Quem?”, perguntou Josephine.

E Constantia disse mais alto do que pretendia: “Os camundongos”.

Josephine ficou furiosa. “Oh, que bobagem, Con! O que é que um camundongo tem a ver com isso? Você está dormindo.”

“Acho que não”, disse Constantia. Ela fechou os olhos para se certificar. Estava.

Josephine dobrou a coluna, ergueu os joelhos, cruzou os braços e as mãos foram parar sob as orelhas, apertando o rosto com força no travesseiro.

2.

Outra coisa que complicava tudo era que a enfermeira Andrews estava passando a semana com elas. A culpa era delas; elas a convidaram. Foi idéia de Josephine. Pela manhã – bem, na última manhã, depois que o médico foi embora – Josephine dissera a Constantia:

“Você não acharia simpático da nossa parte convidarmos a sra. Andrews para passar uma semana conosco?”.

“Muito simpático”, disse Constantia.

“Eu pensei em dizer”, logo acrescentou Josephine, “depois de pagá-la, hoje à tarde: ‘Sra. Andrews, depois de tudo o que a senhora fez por nós, minha irmã e eu ficaríamos encantadas se passasse uma semana conosco, como nossa convidada’. É preciso dizer como convidada, para ela não achar que...”

“Oh, mas ela não pode achar que vai ser paga para isso!”, protestou Constantia.

“Nunca se sabe”, disse Josephine com sensatez.

A sra. Andrews, é claro, aceitou no ato. Mas foi uma chatice. Significaria que elas teriam de comer à mesa e na hora certa, ao passo que, se estivessem sozinhas, poderiam simplesmente pedir a Kate que lhes servisse alguma coisa onde quer que fosse. E comer só na hora certa agora que a tensão tinha passado era uma tortura.

A sra. Andrews era simplesmente louca por manteiga. Não havia como evitar perceber que, pelo menos com relação à manteiga, ela se aproveitava da gentileza. E ela tinha o costume enlouquecedor de pedir mais um pouquinho de pão para acabar o que estava em seu prato e no último bocado, distraída – claro que nem um pouco distraída – servia-se uma vez mais. Josephine corava quando aquilo acontecia e pregava os olhinhos que pareciam duas contas na toalha de mesa, como se tivesse visto um inseto minúsculo e esquisito andando pelo tecido. Mas o rosto comprido e pálido de Constantia espichava ainda mais e ela desviava o olhar para longe – além – para o deserto, lá onde uma fileira de camelos se desfazia como um novelo de lã...

“Quando trabalhei para Lady Tukes”, disse a sra. Andrews, “ela tinha um delicado recipientezinho para a manteiga. Tinha um Cupidozinho de prata equilibrado na borda de um pratinho de vidro segurando um garfinho. E quando alguém queria manteiga bastava apertar o pezinho dele que o Cupidozinho se abaixava e fisgava um pouquinho. Era uma gracinha.”

Josephine mal podia suportar aquilo. Mas “acho essas coisas muito extravagantes” foi tudo o que disse.

“Mas por quê?”, perguntou a sra. Andrews, com os olhos brilhando, atrás dos óculos. “Com toda a certeza ninguém fisgaria mais manteiga do que havia de querer, não é mesmo?”

“Toque a sineta, Com”, disse Josephine. Temia descontrolar-se, caso respondesse.

E a jovem e altiva Kate, a princesa encantada, apareceu para ver o que as duas velhas solteironas queriam daquela vez. Arrancou dali aqueles pratos fajutos que imitavam alguma receita e jogou-lhes na frente um manjar branco e aterrorizado.

“Geléia, por favor, Kate”, disse Josephine com gentileza.

Kate ajoelhou-se e escancarou a porta do guarda-louças, levantou a tampa do pote de geléia, constatou que estava vazio, colocou-o sobre a mesa e retirou-se, demonstrando a maior indiferença.

“Acho”, disse a sra. Andrews dali a pouco, “que acabou”.

“Oh, que pena!”, disse Josephine, mordendo o lábio. “Como vamos fazer?”

Constantia parecia insegura. “Não podemos incomodar Kate de novo”, disse em voz baixa.

A sra. Andrews esperou, sorrindo para ambas. Seus olhos, por detrás dos óculos, espionavam tudo. Constantia, desesperada, voltou para seus camelos. Josephine franziu fortemente o cenho – concentrada. Se não fosse por aquela mulher idiota, é claro que ela e Com teriam comido o manjar sem geléia. De repente ocorreu-lhe uma idéia.

“Já sei”, disse. “Marmelada. Temos um pouco de marmelada no guarda-louças. Vá pegar, Con.”

“Espero”, disse a sra. Andrews rindo – e sua risada soava como o barulho de uma colherzinha martelando um vidro de remédio – “espero que a marmelada não seja muito amarga.”

3.

Mas, no final das contas, não faltava muito agora, e então ela iria embora para sempre. E não havia como ignorar o fato de que tinha sido muito bondosa para com o pai. Cuidara dele noite e dia no fim. Na verdade, Constantia e Josephine sentiam, no íntimo, que ela havia se excedido até, em não sair de perto dele no final. Pois, quando foram lhe dar o último adeus, a enfermeira estava sentada junto à cabeceira, de onde não saía, tomando-lhe o pulso e fingindo consultar o relógio. Não havia necessidade. E era uma falta de tato. Imagine se o pai quisesse dizer alguma coisa – alguma coisa em particular para elas. Não que quisesse. Longe disso! Lá estava ele deitado, arroxeadado, com uma expressão sombria, irritada no rosto arroxeadado, e nem olhou para elas quando se aproximaram. De repente, quando estavam paradas, sem saber o que fazer, ele abriu um olho. Oh, que diferença teria feito, que diferença para a lembrança que guardariam dele, como teria sido mais fácil contar para as pessoas, se ele ao menos tivesse aberto os dois! Mas não... um olho só. Fitou-as por um momento e então... apagou.

4.

Foi um tanto embaraçoso para elas quando o pastor Farolles, da paróquia de Saint John, apareceu para uma visita naquela mesma tarde.

“Espero que o fim tenha sido muito tranquilo, não?”, foram as primeiras palavras que ele disse avançando até elas na penumbra da sala de estar.

“Muito”, disse Josephine com um fio de voz. Ambas abaixaram a cabeça. As duas tinham certeza de que aquele olho não era nada pacífico.

“Sente-se, por favor”, convidou Josephine.

“Obrigado, srta. Pinner”, disse o pastor Farolles, agradecido. Ele dobrou as abas do casaco e preparava-se para sentar na poltrona do pai, mas, assim que tocou nela, quase de um salto e passou para a cadeira do lado.

Ele tossiu. Josephine cruzou as mãos; Constantia parecia alheia.

“Faço questão de que saiba, srta. Pinner”, disse o pastor Farolles, “e a srta Constantia também, que estou tentando ajudar. Quero ajudá-las, se me permitirem. Existem momentos”, acrescentou o pastor Farolles com simplicidade e convicção, “em que Deus quer que ajudemos uns aos outros”.

“Muito obrigada, pastor Farolles”, disseram Josephine e Constantia.

“Não há de quê”, disse o pastor Farolles gentilmente. Segurava suas luvas de pelica e inclinou-se para a frente. “E se uma das senhoritas ou ambas quiserem tomar a comunhão, aqui e agora, é só me dizer. Comungar é muitas vezes uma grande aju... – é um grande consolo”, acrescentou com suavidade.

Mas a idéia de comungar ali aterrorizou-as. Como? Na sala de estar, somente elas, sem – sem – altar, sem nada! A tampa do piano era alta demais, pensou Constantia, e o pastor Farolles não conseguiria de modo algum debruçar-se sobre ela com o cálice. E Kate, com toda a esperteza, entraria intempestivamente e os interromperia, pensou Josephine. E se a campainha da porta tocasse no meio tempo Poderia ser alguém importante – prestando condolências. Elas teriam de se levantar com toda cerimônia e sair para atender ou de esperar irem embora... torturando-se?

“Vocês podem mandar um bilhete pela bondosa Kate, caso queiram comungar mais tarde”, disse o pastor Farolles.

“Oh, sim, muito obrigada!”, disseram ambas.

O pastor Farolles levantou-se e pegou o chapéu preto de cima da mesa redonda.

“Quanto ao funeral”, ele disse suavemente, “posso tomar as devidas providencias, na qualidade de velho amigo de seu pai e de vocês, srta. Pinner – e srta. Constantia”.

Josephine e Constantia também se levantaram.

“Gostaria que fosse bem simples”, declarou Josephine com firmeza, “e que não fosse muito dispendioso. Ao mesmo tempo gostaria que...”.

“Um bom enterro, que dure bastante”, pensou a sonhadora Constantia, como se Josephine estivesse comprando uma camisola. É claro que Josephine não disse aquilo. “Compatível com a posição de nosso pai.” Ela estava muito nervosa.

“Entrarei em contato com nosso bom amigo, o sr. Knight”, declarou o pastor Farolles, tranqüilizador. “Pedirei a ele que venha procurá-las. Tenho certeza de que ele será de grande ajuda.”

5.

Bem, de qualquer modo, toda aquela parte terminara, embora nenhuma das duas conseguisse acreditar que o pai não voltaria mais. Josephine teve um momento de absoluto terror no cemitério, enquanto o caixão descia, ao pensar que ela e Constantia tinham feito aquilo sem pedir permissão a ele. O que o pai diria quando descobrisse? Pois cedo ou tarde ele acabaria descobrindo. Ele sempre descobria. “Vocês duas mandaram me enterrar!” Ela ouviu a bengala dele bater. Oh, o que elas diriam? Que desculpa poderiam dar? Parecia algo de uma crueldade estarrecedora. Ardilosamente tirar vantagem de alguém só porque a pessoa não pode reagir no momento. As outras pessoas pareciam encarar tudo aquilo com naturalidade. Eram estranhos; não poderiam entender que o pai era a última pessoa a quem tal coisa poderia acontecer. Não, toda a culpa por aquilo recairia sobre ela e Constantia. E as despesas, pensou, subindo no túlbur. Quando tivesse de mostrar as contas para ele. O que ele diria então?

Ouviu-o totalmente enfurecido: “E vocês esperam que eu pague por essa extravagância que inventaram?”.

“Oh”, gemeu alto a pobre Josephine, “não devíamos ter feito isso, Con!”

E Constantia, amarela como uma lima em meio a todo aquele negrume, disse num sussurro apavorado: “Feito o quê, Jug?”.

“Deixá-los en-enterrar o papai daquele jeito”, disse Josephine, descontrolando-se e chorando em seu lenço novo de luto que tinha cheiro esquisito.

“Mas o que podíamos fazer?”, perguntou Constantia, pensativa. “Não podíamos deixá-lo daquele jeito, Jug – não era possível deixá-lo sem enterrar. Pelo menos não num lugar pequeno como o nosso.”

Josephine assou o nariz; o tálburi era horrivelmente abafado.

“Eu não sei”, disse desoladamente. “Tudo isto é tão horrível. Sinto que deveríamos ter tentado pelo menos. Para termos absoluta certeza. Uma coisa é certa” – e então as lágrimas voltaram a aflorar – “papai jamais nos perdoará por isso – jamais!”.

6.

O pai jamais as perdoaria. Foi o que elas sentiram mais do que nunca quando, dali a dois dias, entraram no quarto dele para ver suas coisas. Ambas tinham discutido o assunto com muita calma. Aquilo chegava mesmo a constar da lista, elaborada por Josephine, das providências que deviam ser tomadas. Ver as coisas de papai e resolver o que fazer com elas. Mas isso era muito diferente de dizer depois do café:

“Você está pronta, Con?”

“Sim, Jug – quando você quiser.”

“Pois então acho melhor acabarmos logo com isso.”

O vestíbulo estava escuro. Durante anos a regra era não incomodar o pai de manhã, o que quer que acontecesse. E agora iriam abrir a porta sem nem bater... Constantia arregalou os olhos diante da perspectiva; os joelhos de Josephine fraquejaram.

“Entre você primeiro”, ela disse com voz entrecortada, empurrando Constantia.

Mas Constantia disse, como sempre nessas ocasiões: “Não, Jug, não é justo. Você é mais velha”.

Josephine estava a ponto de dizer – aquilo que noutros momentos jamais diria por nada no mundo – o que ela guardava como sua última arma: “Mas você é mais alta”, quando notaram que a porta da cozinha estava aberta e Kate estava ali...

“Está emperrada”, disse Josephine, agarrando a maçaneta e fazendo o possível para girá-la. Como se Kate fosse fácil de enganar!

Não havia mais jeito. Aquela moça era... Então elas entraram e fecharam a porta, mas... mas aquele não era o quarto do pai. Era como se elas, por engano, tivessem atravessado subitamente a parede e entrado num apartamento totalmente diferente. A porta estava mesmo ali atrás delas? Estavam assustadas demais para olhar. Josephine sabia que, se estivesse, estaria bem fechada; Constantia sentiu que, como portas em sonhos, não devia ter maçaneta. Era o frio que tornava tudo tão terrível. Ou a brancura – qual dos dois? Tudo estava coberto. As cortinas estavam fechadas, um pano cobria o espelho, um lençol escondia a cama; um grande anteparo de papel tampava a lareira. Constantia estendeu timidamente a mão; quase como se esperasse cair um floco de neve. Josephine sentiu um formigamento estranho no nariz, como se o seu nariz estivesse congelando. Então um tálburi tropeou sobre as pedras na rua, e o silêncio pareceu estilhaçar-se em pedacinhos.

“Acho melhor abrir uma cortina”, disse Josephine corajosamente.

“Sim, pode ser uma boa idéia”, sussurrou Constantia.

Elas mal encostaram na cortina e esta se abriu, subindo com o cordão, eu se enrolou no trilho; a pequena borla balançou, como se tentasse se libertar. Aquilo foi demais para Constantia.

“Você não acha – não acha que podemos deixar para outro dia?”, cochichou.

“Por quê?”, disparou Josephine, sentindo-se, como sempre, muito melhor depois de perceber que Constantia estava aterrorizada. “Isto tem de ser feito. Mas eu gostaria muito que você parasse de cochichar, Con.”

“Eu não percebi que estava cochichando”, cochichou Constantia.

“E por quê você não tira os olhos da cama?”, perguntou Josephine, elevando o tom de voz, quase num desafio. “Não tem nada em cima da cama.”

“Oh, Jug, não fale assim!”, disse a pobre Connie. “Por favor, não tão alto.”

A própria Josephine percebeu que tinha ido longe demais. Deu largas passadas em direção à cômoda, estendeu a mão, mas a recolheu rapidamente.

“Connie!”, disse, arquejante, voltando-se e encostando-se na cômoda.

“Oh, Jug... o que foi?”

Josephine só conseguia olhar intensamente. Experimentava a extraordinária sensação de ter acabado de escapar de algo simplesmente terrível. Mas como poderia explicar a Constantia que o pai estava dentro da cômoda? Ele estava na gaveta de cima, com seus lenços e gravatas, na gaveta do meio com suas camisas e pijamas, na gaveta de baixo, com seus ternos. Lá estava ele espiando, escondido – logo atrás da maçaneta da porta – pronto para pular.

Olhou com uma expressão cômica e antiquada para Constantia, exatamente como fazia nos velhos tempos quando ia chorar.

“Não consigo abrir”, ela quase gemeu.

“Não abra, Jug”, sussurrou Constantia sinceramente. “É muito melhor não abrir. Não vamos abrir nada. Por favor, por um bom tempo.”

“Mas – mas isso é uma fraqueza”, disse Josephine, arrasada.

“E por que não ser fraca pelo menos uma vez, Jug?”, perguntou Constantia, sussurrando com altivez. “Se é que isso pode ser chamado de fraqueza.” E seu olhar esgazeado foi da escrivaninha trancada – bem segura – para o imenso guarda-roupa encerrado, e ela começou a respirar de modo estranho, ofegante. “Por que a gente não pode ser fraca pelo menos uma vez na vida, Jug? É perfeitamente desculpável. Sejamos fracas – seja fraca, Jug. É muito mais bonito ser fraca do que ser forte.”

E então ela fez uma daquelas coisas incrivelmente ousadas que fizera umas duas vezes antes em suas vidas; ela andou até o guarda-roupa, girou a chave e tirou-a da fechadura. Tirou-a da fechadura e mostrou a Josephine, fazendo ver a Josephine, com seu extraordinário sorriso, que sabia o que fizera, que correria deliberadamente o risco de o pai estar ali dentro entre seus casacos.

Se o enorme guarda-roupa tivesse balançado, caísse e esmagasse Constantia, Josephine não ficaria surpresa. Ao contrário, acharia que era a única coisa que poderia ter acontecido. Mas nada aconteceu. Apenas o quarto parecia estar mais silencioso do que nunca e grandes flocos de ar gélido caíram sobre os ombros e os joelhos de Josephine. Ela começou a tiritar.

“Vamos, Jug”, disse Constantia, ainda com aquele terrível sorriso empedernido, e Josephine a seguiu, como tinha feito da última vez, quando Constantia empurrou Benny dentro do laguinho redondo.

7.

Mas a tensão apoderou-se delas quando voltaram para a sala de jantar. Sentaram-se, muito abaladas, e entreolharam-se.

“Acho que não vou conseguir fazer mais nada”, disse Josephine, “enquanto não tomar alguma coisa. Acha que devemos pedir a Kate que nos sirva um chá?”

“Não vejo por que não”, disse Constantia cautelosamente. Voltara a seu estado normal. “Não vou tocar a sineta. Eu vou até a porta da cozinha e vou pedir para ela.”

“Isso”, disse Josephine, afundando numa poltrona. “Diga a ela que são só duas xícaras. Com, nada mais – numa bandeja.”

“Ela não precisa pôr nem mesmo um bule?”, perguntou Constantia, como se Kate fosse se queixar caso precisasse pôr o bule na bandeja.

“Não, com certeza! O bule não é necessário de modo algum. Ela pode encher as xícaras diretamente na chaleira”, disse Josephine, convicta de que aquilo pouparia trabalho.

Os lábios gélidos das duas irmãs estremeceram, ao contado com as bordas esverdeadas das xícaras. Josephine curvou suas pequenas mãos avermelhadas em torno da xícara; Constantia endireitou-se na cadeira e soprou o vapor esvoaçante, fazendo-o flutuar de um lado para o outro.

“E por falar em Benny...”, disse Josephine.

E embora Benny não tivesse sido mencionado, Constantia imediatamente reagiu como se tivesse.

“Ele deve esperar que lhe mandemos alguma coisa do papai. Mas é tão difícil saber o que mandar para o Ceilão...”

“Você está querendo dizer que as encomendas podem chacoalhar muito até chegar lá?”, murmurou Constantia.

“Não, podem se extraviar”, disse Josephine, ríspida. “você sabe que lá não existe correio. Só entregadores.”

As duas pararam para ver um negro de ceroulas brancas correndo feito um louco pelo campo levando um grande embrulho marrom na mão. O negro de Josephine era minúsculo; acudias às pressas e reluzia como uma formiga. Mas havia algo de obstinado e incansável no de Constantia, alto e magro, o que fazia dele, segundo ela, uma pessoa realmente muito desagradável... Na varanda, todo de branco e com um capacete, estava Benny. Sua mão direita movimentava-se para cima e para baixo, como a do pai quando estava impaciente. E atrás dele, nem um pouco interessada, estava Hilda, a cunhada que elas não conheciam. Sentava-se numa cadeira de balanço de bambu e folheava as páginas da Tatler.

“Acho que o relógio seria o melhor presente”, declarou Josephine.

Constantia levantou os olhos; parecia surpresa.

“Oh, você confiaria um relógio de ouro aos cuidados de um nativo?”

“Mas é claro que eu o disfarçaria”, disse Josephine. “Ninguém ficaria sabendo que é um relógio”. Gostava da idéia de fazer um pacote de formato tão curioso que ninguém fosse



capaz de adivinhar o que continha. Chegou até mesmo a pensar, por um breve momento, em esconder o relógio numa caixa de espartilho, de papelão, que há muito guardava, na esperança de que um dia servisse para alguma coisa. Era um papelão bem firme e bonito. Não, aquilo não seria apropriado para a ocasião, além do que havia um rótulo na caixa: Tamanho médio para senhoras 28. Barbatanas extrafortes. Para Benny seria muita surpresa abrir a caixa e encontrar dentro dela o relógio do pai.

“É claro que não mandaremos um relógio fazendo tique-taque”, disse Constantia, que ainda refletia sobre o fascínio que os nativos tinham por jóias. “Seria muito estranho”, acrescentou, “se ainda estivesse com corda, depois de tanto tempo.”

8.

Josephine não respondeu. Tinha derivado para uma de suas tangentes. Naquele momento pensou subitamente em Cyril. Não era muito mais de praxe que o único neto ficasse com o relógio? E Cyril, tão querido, era tão agradecido, além do que um relógio de ouro significava muito para um jovem. Benny, com toda a probabilidade, há muito perdera o hábito de usar relógios de bolso; naquele clima quente os homens raramente usavam coletes, ao passo que Cyril, em Londres, os usava do começo ao fim do ano. E, quando ele viesse para o chá, seria tão agradável, para ela e Constantia, saber que estava com o relógio. “Pelo que vejo você se habituou ao relógio de vovô, Cyril.” Seria, de certa forma, muito gratificante.

Que menino adorável! Aquele seu bilheteinho tão meigo, tão simpático, lhes causara um choque. É claro que elas compreendiam, mas mesmo assim era uma lástima.

“Teria sido tão importante contarmos com a presença dele”, observou Josephine.

“E ele também teria apreciado”, disse Constantia, sem refletir no que dizia.

Ele, no entanto, afirmou que assim que estivesse de volta de sua viagem iria tomar chá com suas tias. Receber Cyril para o chá era um de seus raros prazeres.

“Cyril, não vá fazer cerimônia com nossos bolos. Sua tia Com e eu os compramos no Buszard’s hoje pela manhã. Sabemos o que é o apetite de um homem. Portanto, não se acanhe, sirva-se à vontade.”

Josephine cortou afoitamente o bolo, escuro, saboroso, da mesma cor de suas luvas de inverno ou da sola e do salto dos únicos sapatos apresentáveis de Constantia. Mas o apetite de Cyril não era nada viril.

“Tia Josephine, não consigo. É que acabo de almoçar, a senhora sabe.”

“Oh, Cyril, não pode ser verdade! Já passa das quatro”, exclamou Josephine. Constantia, que se preparava para cortar uma bomba de chocolate, suspendeu o gesto.

“Mas é verdade, sim”, disse Cyril. “Tive de encontrar-me com um senhor na Victoria Station e ele me prendeu até... bem, só tive tempo de almoçar e vir para cá. E ele, além do mais” – e Cyril passou a mão na testa – “acabou não me atendendo”.

Era uma decepção – sobretudo hoje. Mas ele não tinha como saber disso.

“Mas você provará um merengue, não, Cyril?”, perguntou tia Josephine. “Estes merengues foram comprados especialmente para você. Seu querido pai gostava tanto. Temos certeza de que você também gosta.”

“Gosto, sim, tia Josephine”, declarou Cyril com ardor. “Não se importa se eu comer a metade de um deles, para começar?”

“De modo algum, meu querido, mas não deixaremos você ir só com isso.”

“Seu querido pai ainda gosta muito de merengues?”, perguntou tia Com, toda gentil. Ela estremeceu ligeiramente, ao sair de sua concha.

“Bem, não saberia dizer, titia Com”, disse Cyril, um tanto ausente.

No que ouviram essas palavras, as duas se entreolharam.

“Não sabe?” Josephine foi brusca. “Ignora uma coisa como essa em relação a seu próprio pai, Cyril?”

“Imagine!”, comentou titia Com, tímida.

Cyril tentou não levar aquilo muito a sério. “Bem”, disse, “é que já faz tanto tempo desde que...”. Ele gaguejou e interrompeu-se. A expressão das duas era demais para ele.

“Mesmo assim”, disse Josephine.

Titia Com limitou-se a olhar.

Cyril pousou a xícara de chá. “Espere um pouco”, exclamou. “Espere um momento, tia Josephine. Deixe-me pensar.”

Ele levantou os olhos e as duas começaram a ficar mais animadas. Cyril deu um tapa no joelho.

“Mas é claro”, disse, “sim, eram merengues. Como é que eu fui esquecer? Sim, tia Josephine, a senhora tem toda a razão. Papai tem verdadeira paixão por merengues.”

Ambas não só ficaram radiantes, como tia Josephine enrubesceu de prazer e titia Com deu um suspiro muito, muito profundo.

“Agora, Cyril, você precisa fazer uma visita ao papai”, disse Josephine. “Ele sabe que você viria hoje.”

“Sem dúvida”, disse Cyril, firme e cordial. Levantou-se da cadeira e, de repente, olhou para o relógio da parede.

“Titia Con, seu relógio por acaso não está um pouco atrasado? Tenho de encontrar-me com um senhor em... Paddington logo depois das cinco. Receio não poder ficar muito tempo com o vovô.”

“Ele não espera que você fique muito tempo!”, declarou tia Josephine.

Constantia ainda estava olhando o relógio. Não conseguia chegar a uma conclusão: estaria atrasado ou adiantado? Era uma ou outra coisa e disse ela tinha quase certeza.

Cyril ainda esperava. “Vem comigo, titia Con?”

“Claro”, disse Josephine, “vamos todos. Venha, Con.”

9.

Bateram na porta e Cyril seguiu suas tias, entrando no quarto abafado do avô, do qual se desprendia um cheiro adocicado.

“Aproximem-se”, disse o avô Pinner. “Não fiquem paradas aí. O que foi? O que vocês andam tramando?”

Ele estava sentado diante da lareira, onde o fogo crepitava, e segurava uma bengala. Uma espessa manta cobria-lhe os joelhos e em seu colo havia um belo lenço amarelo de seda.

“É Cyril, papai”, disse Josephine, tímida. Pegou Cyril pela mão e o fez aproximar-se.

“Boa tarde, vovô”, disse Cyril, tentando desprender-se da mão de Josephine. O avô Pinner fuzilou Cyril com os olhos, com um jeito que era só dele e que se tornara famoso. Onde estava tia Com? Estava parada, ao lado de Josephine; seus compridos braços pendiam à sua frente, suas mãos se cruzavam. Não tirava os olhos do avô.

“Muito bem”, disse o avô Pinner, começando a bater a bengala no chão, “o que você tem para me contar?”.

O que ele tinha, mas o que ele teria para contar? Cyril notou que estava sorrindo como um perfeito imbecil. Além do mais, o quarto era sufocante.

Tia Josephine veio em seu socorro e exclamou, toda animada: “Cyril disse que o pai dele ainda gosta muito de merengues, papai querido.”

“Como é?”, disse o avô Pinner, curvando a mão em forma de concha sobre a orelha.

Josephine repetiu: “Cyril disse que o pai dele ainda gosta muito de merengues”.

“Não consigo ouvir”, disse o velho coronel. Com a bengala, fez um gesto para que Josephine se afastasse e apontou-a para Cyril. “Diga-me o que ela está tentando dizer.”

(Meu Deus!) “Será que devo?”, perguntou Cyril, corando e encarando tia Josephine.

“Fale sim, querido”, ela sorriu. “Isso lhe dará tanto prazer...”

“Vamos, desembuche!”, rugiu o coronel Pinner, furibundo, recomeçando a dar bengaladas no chão.

Cyril inclinou-se e gritou: “Papai ainda gosta muito de merengues”.

Ao ouvir isso o avô Pinner teve um sobressalto, como se recebesse um tiro.

“Não grite!”, berrou. “O que há com este rapaz? Merengues! Que história é essa de merengues?”

“Oh, tia Josephine, será que temos de continuar?”, gemeu Cyril, desesperado.

“Não se importe, está tudo bem, meu querido”, disse tia Josephine, como se os dois estivessem juntos no dentista. “Daqui a um minuto ele vai entender.” E cochichou para Cyril: “Sabe, ele está ficando um pouco surdo”. Então foi sua vez de inclinar-se, e ela realmente berrou no ouvido do avô Pinner: “Cyril apenas queria dizer, papai querido, que o pai dele ainda gosta muito de merengues”.

Dessa vez o coronel Pinner ouviu, mas não só ouviu como também ficou meditando, medindo Cyril de alto abaixo.

“Que coisa mais esstraordinaria!”, declarou. “Que coisa esstraordinária vir de tão longe para me dizer isso!”

E Cyril também achou.

“Sim, mandarei o relógio para Cyril”, declarou Josephine.

“Seria tão gentil”, comentou Constantia. “Lembro que da última vez que ele esteve aqui surgiu um pequeno problema com o horário”.

10.

Elas foram interrompidas por Kate, que, daquele seu jeito estouvado, irrompeu porta adentro, como se houvesse encontrado uma passagem secreta na parede.

“Frito ou cozido?”, perguntou a voz atrevida.

Fritou ou cozido? Durante alguns momentos Josephine e Constantia ficaram bastante intrigadas. Mal conseguiram entender o sentido da pergunta.

“Frito ou cozido o quê, Kate?”, perguntou Josephine, tentando começar a concentrar-se.

Kate deu uma fungada ruidosa. “Peixe.”

“Bem, então porque não disse logo?”, Josephine censurou-a com delicadeza. “Como é que você esperava que fôssemos entender, Kate? Você bem sabe que existem muitas coisas neste mundo que são fritas ou cozidas.” Após semelhante demonstração de coragem, ela perguntou a Constantia, com grande animação: “O que você prefere, Constantia?”.

“Acho que seria bom frito”, disse Constantia. “Por outro lado, é claro que peixe cozido é muito gostoso... Acho que não tenho preferência por nenhum dos dois... A menos que você... Neste caso...”

“Pois então vai frito mesmo”, declarou Kate, retirando-se. Ela deixou a porta da sala aberta e bateu com estrondo a porta da cozinha.

Josephine encarou Constantia; ergueu as sobrancelhas claras, até quase se confundirem com seu cabelos sem cor. Levantou-se e disse num tom de voz superior e impositivo: “Não se incomoda de ir comigo à sala de estar, Constantia? Tenho algo muito importante para discutir com você”.

Era sempre para a sala de estar que se retiravam quando queriam conversar sobre Kate.

Josephine fechou a porta com um gesto significativo. “Sente-se, Constantia”, disse, sem perder a majestade. Era como se estivesse recebendo uma visita de Constantia pela primeira vez. E Con olhava vagamente para os lados, à procura de uma cadeira como se fosse uma estranha.

“A questão agora é se”, disse Josephine, inclinando-se para diante, “vamos continuar com ela ou não”.

“É essa a questão”, concordou Constantia.

“E desta vez”, declarou Josephine com firmeza, “temos de chegar a uma decisão definitiva”.

Por um momento Constantia fez uma cara de que iria recapitular tudo o que aconteceu das outras vezes, mas dominou-se e disse: “Sim, Jug”.

“Sabe, Con,”, explicou Josephine, “tudo está tão diferente agora”. Constantia ergueu os olhos rapidamente. “O que quero dizer”, prosseguiu Josephine, “é que já não dependemos mais de Kate como no passado”. Ela enrubescou ligeiramente. “Agora não tem mais o papai para ela cozinhar.”

“É verdade, sem dúvida”, concordou Constantia. “Papai com toda a certeza não haverá de querer que cozinhem para ele...”

Josephine a interrompeu com rudeza. “Você não está com sono, não é mesmo, Con?”

“E, com sono, Jug?” Constantia arregalou os olhos.

“Pois então concentre-se mais”, disse Josephine irritada, voltando ao assunto. “A questão é a seguinte: se nós” – e ela baixou consideravelmente o tom de voz, olhando para a porta – “despedíssemos Kate” – e voltou a falar alto – “poderíamos providenciar nossa própria comida”.

“Por que não?”, exclamou Constantia. Não conseguia deixar de sorrir. Que idéia tão excitante! Juntou as mãos. “E vamos viver do quê, Jug?”

“De ovos, sob várias formas”, disse Jug, novamente majestosa. “Além disso, pode-se comprar comida pronta.”

“Mas sempre ouvi dizer que é muito caro.”

“Não se comprada com moderação”, disse Josephine. mas desviou-se daquele atalho tão fascinante e arrastou Constantia consigo.

“O que temos de decidir agora é se realmente confiamos em Kate ou não.”

Constantia recostou-se na cadeira. Seu risinho sem graça escapou-lhe dos lábios.

“Não é curioso, Jug”, comentou, “que em relação a esse assunto eu jamais tenha conseguido chegar a uma decisão?”.

11.

Ela jamais conseguira. A dificuldade era conseguir alguma prova. Como se provavam as coisas, como era possível? Suponhamos que Kate se plantasse diante dela e fizesse uma de suas caras? Ela não poderia muito bem estar sentindo dor? Seria possível, de qualquer modo, perguntar a Kate se aquela cara feia era para ela? Se Kate respondesse “não – e é claro que diria “não” – que situação! Que coisa mais constrangedora! Mas Constantia desconfiava, tinha quase certeza de que Kate remexia suas gavetas quando ela e Josephine saíam, não para tirar algo, mas para bisbilhotar. Muitas vezes, ao voltar, constatava que seu crucifixo de ametista tinha ido parar nos lugares mais improváveis, debaixo de seus laços de renda ou em cima de sua gola de renda. Mais e uma vez tinha preparado uma armadilha para Kate. Arranjava suas coisas de um jeito muito especial e então convocava Josephine para testemunhar.

“Está vendo, Jug?”

“Sem dúvida, Con.”

“Pois agora vamos ficar sabendo.”

Mas, oh, Deus, quando ela ia conferir percebia que estava mais longe do que nunca para poder provar alguma coisa! Se algo estivesse fora do lugar, isso poderia muito bem ter acontecido quando ela fechava a gaveta; bastava um pequeno tranco e pronto.

“Venha cá, Jug, e me diga. Eu não consigo. É muito difícil.”

Uma pausa, um exame demorado, e Josephine suspirava: “Agora você me deixou em dúvida, Com. De uma coisa estou certa: eu também não consigo”.

“Bem, o fato é que não podemos adiar mais”, declarou Josephine. “Se adiarmos desta vez...”

12.

Mas naquele exato momento, lá em baixo na rua, um realejo começou a tocar. Josephine e Constantia levantaram-se no mesmo instante.

“Corra, Con”, disse Josephine. “Rápido, rápido. Tem algumas moedas no...”

E então elas se lembraram. Agora não tinha mais importância. Nunca mais teriam de pedir ao homem do realejo que parasse de tocar.

Nunca mais ela e Constantia receberiam ordens para mandar aquele macaco ir fazer barulho em algum outro lugar. Nunca mais ouviriam aqueles berros estranhos, quando o

pai achava que elas não estavam se apressando o suficiente. Agora o homem do realejo poderia ficar tocando o dia inteiro que a bengala não bateria no chão.

Bengaladas nunca mais,  
Bengaladas nunca mais,

tocava o realejo.

Em que pensava Constantia? Sorria de um modo tão estranho; parecia diferente. Seria possível que fosse começar a chorar?

“Jug. Jug”, disse Constantia com delicadeza, apertando as mãos. “Sabe que dia é hoje. É sábado. Hoje faz uma semana.”

Sete dias que papai morreu,  
Sete dias que papai morreu,

apregoava o realejo. E Josephine também se esqueceu de ser prática e sensata; deu um sorriso apagado, estranho. No tapete indiano caiu um quadrado de sol, vermelho pálido; vinha, sumia e vinha de novo – e ficou, escurecendo – até que brilhou quase dourado.

“O sol apareceu”, comentou Josephine, como se tivesse realmente importância.

Um perfeita fonte de notas borbulhantes jorrava do realejo, notas redondas, brilhantes, negligentemente dispersas.

Constantia ergueu as mãos grandes e frias, como se as quisesse pegar, e logo as deixou cair. Foi até a lareira, em cujo console estava seu Buda preferido. E a imagem de pedra dourada, cujo sorriso sempre lhe dava uma sensação estranha, quase uma dor, mas uma dor agradável, hoje parecia estar mais do que sorrindo. Ele sabia de algo; ele tinha um segredo. “Sei uma coisa que você não sabe”, disse seu Buda. Oh, o que era, o que poderia ser? E ainda assim ela sempre sentiu que havia... alguma coisa havia.

A luz do sol forçava passagem através das janelas, abria seu caminho, e piscava sobre a mobília e os retratos. Quando a luz chegou ao retrato da mãe, a ampliação sobre o piano, demorou-se nele, como que intrigada com o pouco que restava da mãe ali, exceto os brincos de pequenos pagodes e o boá de plumas negras. Por que os retratos das pessoas mortas esmaecem tanto?, pensou Josephine. Assim que uma pessoa morria o mesmo acontecia com suas fotografias. Mas, é claro, este retrato da mãe era muito velho. Tinha trinta e cinco anos. Josephine lembrava-se de estar de pé, numa cadeira, apontar para o boá de plumas e dizer a Constantia que aquilo era uma cobra que tinha matado a mãe delas no Ceilão... Teria sido tudo diferente se a mãe não tivesse morrido? Ela não via por que seria. Tia Florence viera morar com elas até completarem os estudos, mudaram de casa três vezes, tiravam férias todo ano e... e houve, é claro, mudanças de criadas.

Alguns pardaizinhos, pelo pio pareciam jovens pardais, chilreavam no parapeito da janela. liip – eip – iip. Mas Josephine sentiu que não eram pardais, que não estavam no parapeito da janela. Aquele ruído esquisito, choroso, estava dentro dela. liip – eip – iip. Ah, que choro era aquele, tão frágil e desamparado?

Se a mãe tivesse vivido, elas teriam se casado? Mas não havia ninguém para desposá-las. Havia os amigos anglo-indiano do pai, antes que o coronel rompesse com eles. Depois

disso ela e Constantia não tinham conhecido um único homem que não fosse padre. Como se conheciam homens? Ou, mesmo que elas tivesse conhecido, como poderiam conhecer bem o bastante para que fossem mais do que meros estranhos? Ouvia-se falar de pessoas que tinham aventuras, eram assediadas e assim por diante. Mas ninguém nunca a assediara ou a Constantia. Oh, sim, houve um ano, em Eastbourne, um homem misterioso, na pensão em que se hospedavam, pôs um bilhete debaixo da jarra de água quente, na soleira da porta do quarto delas! Mas quando Connie encontrou o bilhete, o vapor deixara as letras muito apagadas para ler; elas não conseguiram sequer concluir para qual das duas era endereçado o bilhete. E ele foi embora no dia seguinte. E só. O resto foi cuidar do pai e, ao mesmo tempo, ficar fora de seu caminho. Mas e agora? E agora? O sol furtivo tocou delicadamente em Josephine. Ela levantou a cabeça. Era atraída em direção à janela por aqueles raios delicados...

Até o realejo parar de tocar, Constantia ficou parada diante do Buda, imaginando, mas não como se costume, não de maneira vaga. Desta vez, sua imaginação era de saudade. Lembrava-se das vezes que viera até aqui, saindo da cama de camisola quando era noite de lua cheia, e se deitara no chão, com os braços abertos, como se estivesse crucificada. Por quê? A lua grande e pálida a levava a fazer aquilo. Os horríveis dançarinos em relevo no painel da lareira lançavam-lhe olhares lúbricos e ela não se importava. Lembrava-se também de quando estavam no litoral e saía sozinha, e aproximou-se do mar o mais que pôde e cantarolou alguma coisa, uma canção que inventara, enquanto fitava as águas agitadas. Houvera esta outra vida, de sair correndo, trazer para casa as coisas nas sacolas, pedir aprovação de novo – preparar as bandejas com as refeições do pai e tentar não irritá-lo. Mas tudo isso parecia ter acontecido numa espécie de túnel. Não era real. Só quando saía do túnel para o luar ou à beira-mar ou num temporal ela realmente sentia-se ela mesma. O que significava isso? O que estava sempre querendo? Aonde tudo aquilo levava? Agora? Agora?

Afastou-se do Buda com um de seus gestos vagos. Foi até onde estava Josephine. Queria dizer algo a Josephine, algo assustadoramente importante, sobre... sobre o futuro e o que...

“Você não acha que talvez...”, começou.

Mas Josephine a interrompeu. “Estava pensando se agora...”, ela murmurou. Ambas pararam; uma esperou que a outra falasse.

“Continue, Con”, disse Josephine.

“Não, não, Jug, fale você primeiro”, disse Constantia.

“Não, diga o que você tinha a dizer. Foi você quem começou”, disse Josephine.

“Eu... prefiro ouvir o que você iria dizer”, disse Constantia.

“Que absurdo, Con.”

“Eu insisto, Jug.”

“Connie!”

“Oh, Jug!”

Uma pausa. Em seguida Constantia disse baixinho: “Não posso dizer o que ia dizer, Jug, porque esqueci o que era... que eu ia dizer”.

Josephine ficou em silêncio durante um momento. Fitou uma grande nuvem onde o sol estivera. Então retrucou abrupta: “Eu também esqueci.”